

“A política econômica do Brasil é notável”

Michel Pébereau, presidente do conselho e principal executivo do Banque Nationale de Paris, comenta a “revolução liberal” brasileira

Getúlio Bittencourt
de Nova York

A política econômica do presidente Fernando Henrique Cardoso e de seus colaboradores atraiu a admiração de Michel Pébereau, presidente do conselho e principal executivo do Banque Nationale de Paris (BNP), porque ao mesmo tempo colocou em ação um notável “programa de ajuste econômico e uma verdadeira revolução liberal”. Pébereau vem ao Brasil na próxima semana para inaugurar a filial brasileira do BNP, e visitar o presidente Cardoso e clientes.

O banqueiro francês, por sua vez, atraiu admiração em seu próprio país por melhorar consideravelmente os resultados do BNP depois da privatização em 1993. O BNP já nasceu em 1966 como o maior banco da França, através da fusão de duas instituições estatizadas em 1945: Comptoir National d'Escompte de Paris e Banque Nationale pour le Commerce et l'Industrie.

Um dos predecessores do BNP inaugurou seu primeiro escritório no Brasil em 1957. Mas, através de sua linhagem pelo lado do Banque National pour le Commerce et l'Industrie, fez sua primeira operação no País com um empréstimo de 1 milhão de libras esterlinas a curto prazo, para a República Federativa do Brasil em 1897; e o segundo, ao co-arranjar com o Crédit Mobilier Français um empréstimo de 40 milhões de francos franceses-ouro em 1909, para financiar as obras do porto de Recife, em Pernambuco.

Com a reestruturação do Banco Comercial de São Paulo em 1996, o BNP tornou-se a primeira instituição financeira francesa autorizada a controlar 100% de um banco brasileiro dentro do novo quadro legal. Pébereau afirma que tem objetivos ambiciosos a curto prazo para sua nova filial, mas ressalta que o BNP tem um compromisso de longo prazo com o futuro do Brasil.

As vésperas de seu embarque para São Paulo e Brasília, Pébereau encontrou tempo em sua agenda para conceder esta entrevista de 35 minutos:

Gazeta Mercantil - O senhor acredita que teremos uma consolidação na indústria bancária francesa parecida com a que estamos assistindo nos EUA?

Michel Pébereau - Em relação ao sistema bancário francês, ele já é bastante concentrado em comparação ao dos EUA. O mesmo acontece quando o comparamos com os demais países europeus. Não existe, portanto, um problema de consolidação bancária na França. A questão se torna mais complicada, ademais, pelo fato de que uma parte importante de nosso sistema bancário ser ocupada por estabelecimentos que não têm o estatuto de sociedades abertas. São os estabelecimentos cooperativos, ou de caráter associativo como o Crédit Agricole ou o Crédit Mutuelle, que não podem ser objeto de consolidação devido à estrutura legal diferente.

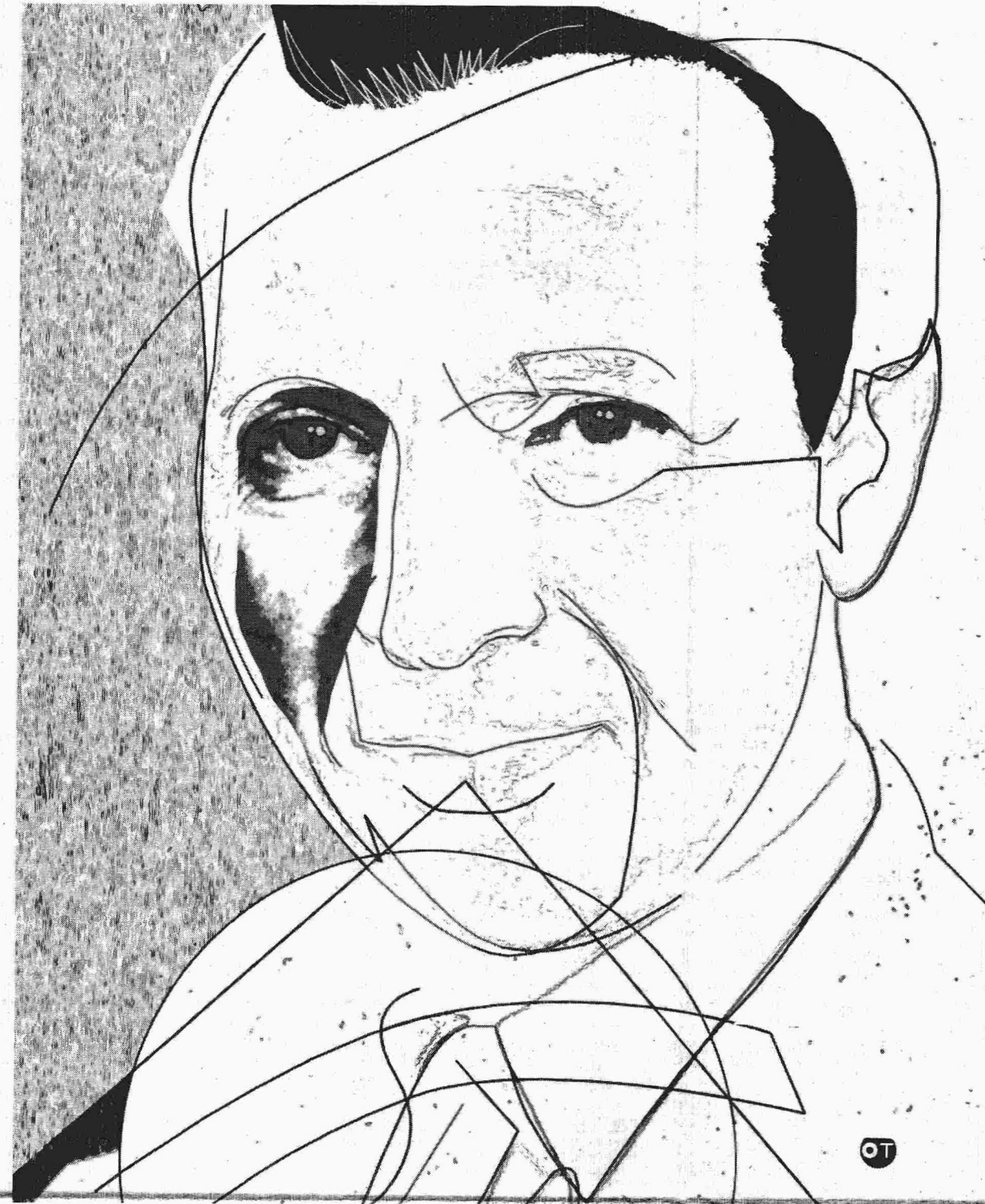
GZM - Os bancos comerciais franceses, então, não podem se fundir legalmente com esses estabelecimentos.

Pébereau - Exatamente. Não é possível para os bancos comerciais comprá-los. É possível, no entanto, os bancos comerciais adquirirem certos tipos de estabelecimentos financeiros que hoje pertencem ao Estado. Em 1996, o BNP havia mostrado o seu interesse em participar do leilão de privatização de um desses estabelecimentos, o Crédit Industriel et Commercial (CIC), um banco comercial francês que foi estatizado no passado.

GZM - O interesse do BNP em adquirir o CIC continua vivo?

Pébereau - Sim. O governo decidiu adiar a venda do CIC, por razões da política social interna da França, num momento em que a comissão de privatização nos havia colocado na posição de último, único sobrevivente na disputa. Estamos agora esperando as condições que serão adotadas pelo governo para a retomada da venda, e a partir daí vamos decidir se seremos candidatos novamente.

GZM - Alguns de seus colegas na França e na Alemanha acreditam que a consolidação da União



Europeia não levará à formação de bancos pan-europeus; os bancos da região parecem mais concentrados em aprofundar suas raízes nacionais, aumentar suas fatias do mercado local. Qual será a estratégia europeia do BNP?

Pébereau - Eu compartilho desse sentimento. Numa primeira etapa, a aproximação capitalista dos bancos dentro da União Europeia se dará provavelmente em nível nacional. Para passarmos a aproximações capitalistas trans-europeias eficientes, haverá necessidade de harmonização das legislações desses países, referentes às sociedades, ao setor fiscal e à proteção do consumidor.

GZM - Neste momento, portanto, seria muito complicado competir em diferentes países.

Pébereau - Sim. Em relação ao BNP, já temos um compromisso trans-europeu através de nossa aliança com o Dresdner Bank da Alemanha, dentro da perspectiva da criação da nova moeda europeia e de um grande mercado bancário integrado. Esta aliança no momento abarca as áreas operacionais e comerciais. Criamos “joint ventures” (50% cada), que representam nossos dois estabelecimentos nas suas atividades de banco comercial em várias regiões. Temos hoje filiais comuns de banco comercial em vários países da região: na Bulgária, na Hungria, na República Tcheca, na Polônia, na Rússia. Estabelecemos igualmente filiais comuns do BNP com o Dresdner Bank ao sul do Sahara, na África; e na América Latina, no Chile.

GZM - Existe algum relacionamento especial além da parceria comercial entre o BNP e o Dresdner Bank?

Pébereau - Trata-se de uma relação exclusiva. Existe já uma participação cruzada de 0,5% no capital um do outro, e a possibilidade de aumentá-la até 10%. As autoridades europeias aprovaram nosso acordo. Também em relação ao mercado da União Europeia, lançamos uma associação de bancos — chamada Trans-European Banking Services —, que tem por objetivo fornecer serviços para nossos clientes no conjunto da Europa. Esse serviço consiste basicamente em vinculação das redes de computadores dos bancos, para permitir o atendimento de clientes de um banco na rede do banco associado em outro país europeu. O projeto foi lançado pelo BNP e Dresdner Bank, com a as-

sociação de grandes bancos nos principais países europeus. Os parceiros incluem, entre outros, o Midland Bank no Reino Unido, o Banco Bilbao Vizcaya na Espanha, o Rabobank nos Países Baixos, o Banque Bruxelles-Lambert na Bélgica, o Crédit Suisse na Suíça, o Bank Austria na Áustria.

GZM - A idéia, então, é de enfatizar mais a cooperação do que a competição agora?

Pébereau - Trata-se de organizar a cooperação para enfrentar a competição. Nós estamos nos preparando para a unificação da moeda europeia através do euro com esse sistema, que não é um sistema unificado de concentração capitalista, mas sim de cooperação comercial estreita e de criação de serviços em comum. Existe uma grande diferença entre os dois acordos, porém: com o Dresdner Bank, temos uma verdadeira aliança que pode desenvolver todos os serviços bancários no mundo, assim como no nível do capital, como já mencionei; com os outros bancos citados, a associação do BNP e do Dresdner Bank se limita a esse serviço específico aos clientes.

GZM - Mas isso mostra uma tendência na Europa, no sentido de cooperação entre grupos de bancos em diferentes países, não?

Pébereau - Nós somos precursores nisso. A aliança BNP-Dresdner não tem equivalente na Europa, neste momento.

GZM - O Banque Nationale de Paris esteve um pouco ausente do Brasil nos últimos anos, possivelmente porque o senhor estava muito concentrado na reestruturação depois da privatização do banco. Mas era bastante ativo antes de 1993. O senhor tem boas notícias para anunciar agora sobre suas operações no Brasil e na América do Sul?

Pébereau - Estamos presentes no Brasil desde 1957, como você sabe. Mantivemos uma participação minoritária no BancoCidade entre 1981 e 1995, minoritária porque a legislação brasileira na época impedia a aquisição do controle acionário por bancos estrangeiros. Com a possibilidade de abriremos um banco brasileiro majoritariamente controlado pelo BNP, decidimos desfazer nossa relação de acionista com o Cidade, um banco sério, com o qual conservamos relações excelentes. Fomos o primeiro banco estrangeiro a se beneficiar de um decre-

to presidencial que nos autorizou, dentro do novo quadro legal em 1996, a adquirir 100% do controle de um banco em dificuldades.

GZM - E agora, o que o senhor pretende fazer com seu banco brasileiro?

Pébereau - Nós acreditamos muito no futuro do Brasil, o BNP e eu particularmente. Meu compromisso pessoal com o Brasil é antigo: em minha função anterior no comando de outro banco francês, tomei a decisão de fazer investimentos importantes no Brasil. O projeto do BNP agora é de oferecer dentro das melhores condições possíveis, todos os serviços bancários à nossa grande clientela, que é composta por empresas europeias, internacionais e brasileiras. Dotamos a nossa operação brasileira de meios à altura de nossas ambições: fizemos um aporte de capital importante, contratamos uma excelente equipe de profissionais, na maioria brasileiros, além de instalarmos computadores e equipamentos modernos, para obter rapidamente uma parcela importante do mercado local. Já começamos a oferecer os serviços clássicos de financiamento corporativo, financiamento de comércio exterior e operações de banco de investimento. O BNP Brasil será totalmente integrado a nossas linhas de atuação no mundo, que cobrem todo o conjunto das atividades financeiras, e se beneficiará de nossa presença em mais de oitenta países. Temos objetivos ambiciosos a curto prazo, mas nossa estratégia é a de desenvolver relações de longo prazo com a nossa clientela e autoridades do Brasil.

GZM - No caso do Brasil, a parceria do BNP com o Dresdner Bank também existe?

Pébereau - Não, no que concerne ao Brasil, nossas operações são separadas. O Dresdner Bank já tinha sua operação funcionando, e nós decidimos tocar a nossa paralelamente.

GZM - É difícil resistir à tentação de lhe perguntar sobre a crise no sudeste da Ásia, que já se tornou mundial, e saber se o senhor vê algum risco de contágio para o Brasil.

Pébereau - Eu creio que os problemas que aparecem atualmente na Ásia concernem especificamente certos países da Ásia. As dificuldades apareceram inicialmente na Tailândia, e decorrem de desequilíbrios econômi-

cos específicos. Outros países asiáticos igualmente foram afetados por esses problemas, que são naturais, dada a característica de crescimento econômico muito rápido do Sudeste asiático. Pode isso produzir uma crise mais geral nos mercados emergentes, como ocorreu durante a crise cambial do México? Eu acho, de minha parte, que os problemas existentes são limitados a certos países da Ásia. Efetivamente, num primeiro momento, a reação dos mercados foi bem ampla. Os Estados Unidos e a Europa foram afetados. Creio, porém, que com o tempo os investidores vão perceber que a situação econômica da América Latina é bem diferente daquela no Sudeste asiático. Isso é particularmente válido para o Brasil, cuja política econômica é muito racional. A mundialização da economia impõe inevitavelmente ajustes a países que permitem o desenvolvimento de desequilíbrios: a pressão dos mercados é muito forte para eles. Mas tenho a esperança de que países que estão aplicando políticas econômicas equilibradas, e que se adaptam sozinhos, não terão suas estruturas afetadas por muito tempo.

GZM - O senhor está raciocinando em termos dos fundamentos econômicos: onde eles são bons, a crise não deveria ter efeito algum. Mas a crise espalhou-se por todos os lados, inclusive nos EUA. O senhor não teme que alguns governos, mesmo em países desenvolvidos, possam ficar tão preocupados com o livre e rápido movimento dos capitais, a ponto de tentar impor controles novos?

Pébereau - Escute, eu não penso que é racional estabelecer mecanismos de controle dos mercados, nem nos Estados Unidos, nem na França, nem no Brasil, com o objetivo de tentar reduzir a volatilidade. Primeiro, porque os mercados são difíceis de controlar: as medidas podem ser ineficientes, e mesmo contraproducentes. Em segundo lugar, porque representaria um retrocesso nefasto, que contraria o princípio da eficiência do mercado. O medo da liberalização e da globalização da economia ainda é considerável, na maioria dos países emergentes, mas também nos EUA mesmo, em outros países desenvolvidos e nas economias que ainda não se adaptaram inteiramente à economia de mercado.

GZM - Qual é a receita alternativa que o senhor oferece?

Pébereau - O ideal é tentar prevenir e minimizar a volatilidade, adaptando as economias nacionais ao novo contexto internacional; aplicando-se uma política monetária apertada; e controlando as despesas e o déficit públicos. A desregulamentação da globalização da economia tem sido positiva, como se pode ver pela vitalidade mostrada pela economia dos EUA e pelo fluxo de investimentos para os mercados emergentes.

GZM - Além disso, o senhor acredita que o capital sempre encontra uma forma de contornar a regulamentação?

Pébereau - É a experiência histórica, sim. A volta à regulamentação e ao fechamento dos mercados seria, de fato, um freio ao crescimento econômico e ao progresso social no mundo como um todo.

GZM - Os países, então, devem simplesmente se acostumar com essa volatilidade, ou o senhor acredita que estamos vivendo apenas um período temporário de ajustes?

Pébereau - A globalização é um fenômeno novo. Quando os mercados mundiais tiveram um grau de maturidade maior, a volatilidade será menor. E os países também vão cada vez mais seguir políticas econômicas melhor adaptadas, corrigindo desequilíbrios que provocam essas crises de volatilidade.

GZM - Aproveitando sua experiência como executivo-chefe, que qualidades o senhor procura quando contrata ou promove executivos?

Pébereau - A qualidade que procuro em primeiro lugar é a capacidade de realizar, a vontade de

criar e desenvolver. Para mim, um banqueiro precisa ser um empresário. A segunda qualidade que procuro é o espírito de equipe, e a lealdade ao Banque National de Paris. Naturalmente, nossos colaboradores devem ser bons profissionais, ter boa capacidade técnica, uma boa formação.

GZM - Em recente entrevista a um jornal francês, o senhor comentou os excelentes resultados que o BNP obteve desde a privatização, e particularmente em 1996 e no primeiro semestre deste ano. Mas um detalhe que impressiona é o fato de que os lucros são muito mais expressivos nas operações internacionais.

Pébereau - É verdade que nossos resultados internacionais são melhores que os da França, devido às características do ambiente legal no mercado francês. Existem em nosso país regulamentos que privilegiam certas áreas das atividades bancárias, tais como cadernetas de poupança, que limitam o livre jogo do mercado. Por isso, a atividade bancária na França, em geral, não é tão lucrativa como na Alemanha ou na Grã-Bretanha e outros países europeus.

GZM - Que regulamentação é essa?

Pébereau - Essa regulamentação se aplica a tudo que tenha a ver com o negócio de banco de varejo. Certas instituições, como as cadernetas de poupança, se beneficiam de privilégios legais para certos serviços à clientela; certas taxas de juros estão fixadas pelo governo em níveis abaixo do mercado.

GZM - Num banco com as características do BNP, então, a capacidade de trabalhar em países estrangeiros deve ter um efeito importante na sua escolha dos executivos, não é?

Pébereau - De fato. Nós dispomos de um corpo de executivos de todas as nacionalidades. Espero, por exemplo, que nossa presença no Brasil permita que recrutemos quadros brasileiros que possamos depois aproveitar em nossos escritórios na Europa e na Ásia, ou no bojo das nossas equipes de especialistas na França e outros países do mundo.

GZM - Existe algo importante que o senhor gostaria de dizer, mas não lhe foi perguntado?

Pébereau - Eu sou por formação um economista. E como economista e como banqueiro, penso que a política econômica conduzida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e sua equipe é realmente notável. Simultaneamente, o Plano Real colocou em ação um programa de ajuste econômico e uma verdadeira revolução liberal. Entre os grandes países do mundo, o Brasil é um dos que se destacam hoje com a política econômica completa e racional aplicada pelo governo Cardoso.

GZM - O senhor não se intimida, portanto, com a hipótese de contágio da crise asiática no Brasil?

Pébereau - Eu penso que a gestão flexível da moeda brasileira é de natureza tal a desencorajar ataques especulativos que poderiam apertar. O sistema brasileiro de uma banda de flutuação para o real parece suficientemente amplo e flexível para acomodar pressões especulativas. O volume de reservas é significativo. Mas sobretudo, apesar de movimentos um pouco erráticos do mercado no contexto presente, a política econômica adotada deveria evitar crises.

GZM - Enfim, qual será a agenda de sua visita ao Brasil na próxima semana?

Pébereau - Vou inaugurar a nossa filial em São Paulo e manter contatos com nossos clientes. Vou encontrar-me também com autoridades e personalidades brasileiras. O presidente da República fez a gentileza de conceder-me uma audiência, e devo encontrar-me igualmente com o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Enfim, devemos ainda assinar um acordo de cooperação do BNP com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). ■